



Concertos sinfônicos na Escola de Música da UFRJ – Parte I Do Conservatório ao Instituto Nacional de Música: a criação da Orquestra do INM

*André Cardoso**

Resumo

A Orquestra Sinfônica da UFRJ é a mais antiga em atividade no Rio de Janeiro. Fundada em 1924 como conjunto oficial do Instituto Nacional de Música, foi antecedida por grupos organizados para a participação em eventos ou para a realização de ciclos de concertos. O presente artigo investiga as atividades sinfônicas que antecederam a criação da orquestra, desde a fundação do Conservatório de Música em 1848 até a Revolução de 1930. Aborda não só os concertos realizados e o repertório executado como também as atividades pedagógicas, os espaços e os principais agentes que possibilitaram o desenvolvimento da prática orquestral no Instituto Nacional de Música.

Palavras-chave

História institucional – orquestra sinfônica – Conservatório de Música – Instituto Nacional de Música – Brasil – século XIX – início do século XX.

Abstract

The UFRJ Symphony Orchestra is the oldest in activity in Rio de Janeiro. Founded in 1924 as an official group of the National Institute of Music, it was preceded by groups organized for participation in events or concert cycles. The present article investigates the symphonic activities that preceded the creation of the orchestra, from the foundation of the Conservatory of Music in 1848 until the Revolution of 1930. It addresses not only its concerts and repertoire but also its pedagogical activities, spaces, and main agents that enabled the development of orchestral practice at the National Institute of Music.

Keywords

Institutional history – symphonic orchestra – Conservatory of Music – National Institute of Music – Brazil – 19th century – early 20th century.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: andrecardoso@musica.ufrj.br.



Antecedentes

A história da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro tem como marco inicial de sua fundação a solenidade ocorrida no então Museu Nacional¹ no dia 13 de agosto de 1848. Na ocasião, após os discursos de praxe, foi realizado um concerto no qual constou, entre outras obras de câmara vocais e instrumentais, a execução da Abertura da Tempestade² “feita para imitar a natureza” do padre José Maurício Nunes Garcia (Siqueira, 1972, p. 22). O conjunto reunido para o evento foi, provavelmente, formado por músicos arregimentados entre os profissionais atuantes na cidade, membros da Sociedade de Música, instituição presidida por Francisco Manoel da Silva (1795-1865) que encaminhou ao Governo Imperial, em 1841, a proposta de criação do Conservatório. As atividades orquestrais na Escola de Música estão presentes, portanto, desde sua fundação.

Se vamos aqui abordar a criação da Orquestra do Instituto Nacional de Música, não podemos deixar de mencionar os concertos realizados e os conjuntos organizados para representarem a instituição antes de 1924. Podemos considerar que a execução da obra de Nunes Garcia na solenidade de fundação do Conservatório foi fato absolutamente isolado. Em todo seu período de existência, entre 1848 e 1889, o Conservatório de Música enfrentou muitas dificuldades e funcionou de forma relativamente precária, seja pela falta de professores, de uma sede própria ou de recursos que garantissem seu pleno funcionamento. A formação de uma orquestra regular, seja formada por alunos ou mesmo arregimentada, deve ter sido inviabilizada pela falta de equipamentos, de um local adequado para ensaios e de recursos para a contratação de músicos.

O primeiro artigo do decreto de fundação diz claramente que o objetivo do Conservatório de Música era “formar artistas que possam satisfazer às exigências do Culto e do Teatro” (Siqueira, 1972, p. 16). As principais atividades musicais no Rio de Janeiro em meados do século XIX se concentravam nas igrejas e nos palcos. A Capela Imperial mantinha, desde 1808, um coro e uma orquestra para a execução do repertório sacro católico (Cardoso, 2008, p. 79). O Teatro São Pedro de Alcântara, fundado em 1813 como Teatro São João, organizava sua orquestra contratando os músicos necessários para as temporadas líricas anuais. Os concertos sinfônicos, entretanto, eram esporádicos e realizados eventualmente nos dias em que não houvesse récitas de óperas. As poucas oportunidades de ouvir música sinfônica ocorriam, por exemplo, no intervalo entre os atos de uma ópera, momento no qual, muitas vezes em meio à indiferença da plateia, eram executadas peças instrumentais. Apesar de iniciativas pioneiras de associações como a Sociedade Filarmônica (1835), os

¹ O Museu Nacional ocupava um prédio na atual Praça da República (Campo de Santana), na região central do Rio de Janeiro, que abrigou também o Arquivo Nacional.

² Conhecida como Abertura “Zemira” CPM 231.



concertos só se tornaram mais frequentes na vida musical carioca na segunda metade do século XIX, com a criação de organismos como o Club Mozart (1867), a Philharmonica Fluminense (1870) e o Club Beethoven (1882). Segundo Luiz Heitor “a primeira série de concertos sinfônicos públicos organizada no Rio de Janeiro realizou-se em 1887”, com os *Concertos Populares* dirigidos pelo maestro Carlos de Mesquita (Azevedo, 1956, p. 97).

No Conservatório de Música não havia docentes especialistas para todos os instrumentos sinfônicos. Alguns professores ministravam aulas de um instrumento principal e “outros instrumentos a seu alcance” (Siqueira, 1972, p. 43). Inexistiam disciplinas como conjunto instrumental ou prática de orquestra, o que inviabilizava a formação de uma orquestra regular. Em 1875, ou seja, 27 anos após a fundação do Conservatório, uma nota na coluna “Theatros e Concertos” do periódico *A Ephoca* lamentava: “Se ao menos o nosso Conservatório de Música desse-nos uma orchestra! Mas há dous alumnos de rabeça; e um e meio de clarineta; o meio é o que vae um dia sim, outro não” (*A Ephoca*, 14 nov. 1875, p. 16).

Mas há registros de apresentações esporádicas de uma orquestra do Conservatório de Música, formada por alunos, professores e músicos convidados. Na “festa do aniversário da reorganização do conservatório de música”, noticiada em 15 de julho de 1861, os alunos foram “dirigidos pelo seu distinto mestre o Sr. F. Manoel da Silva e coadjuvados pelos outros professores”. Na ocasião foram executadas várias obras, destacando-se uma abertura de Henrique Alves de Mesquita, fantasias para clarineta e violino sobre temas das óperas *La Sonnambula* e *Il Pirata* de Bellini e uma cantata de Domingos José Ferreira (*O Periódico da Juventude*, v. I, nº 6 de 15 jul. 1861, p. 6 e 7).

A entrega de prêmios aos alunos era outra ocasião ideal para a organização de uma orquestra, pois a cerimônia contava regularmente com a presença do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina. Temos pela imprensa da época o relato da longa cerimônia de 15 de julho de 1866, ocasião na qual, além de várias obras de câmara com acompanhamento de piano, foram executadas com acompanhamento de orquestra o *Chant d’adieu*, Noturno op. 35 para violoncelo de Johann Valentin Hamm (1811-1874), tendo o aluno Manuel Joaquim Maria da Costa Ferreira como solista, a abertura de *Il zampognaro napoletano* de Saverio Mercadante (1795-1870), uma *Ave Maria* de Francesco Florimo (1800-1888), trechos do oratório *Cristo no Monte das Oliveiras* de Beethoven e o Hino ao Papa Pio IX, também de Mercadante (*Correio Mercantil*, 14 jul. 1866, p. 2). Dois anos depois, em 27 de agosto de 1868, a mesma cerimônia terminou

[...] com lindíssimos trechos de música vocal e instrumental, executados por muitos discípulos do Conservatório de Música e por uma



numerosa orquestra composta de professores, sob a direção do insigne mestre Archangelo Fiorito, que nesse dia fez ouvir duas inspiradas composições suas. Era a primeira um Kyrie em contraponto rigoroso, finalizando por uma fuga tonal, verdadeiro primor de arte. A segunda, um grande galoppe marcial-jocoso de belíssimo efeito. (*A Vida Fluminense*, ano 1, nº 39, 26 set. 1868, p. 466)

Em 1870, o concerto de aniversário do Conservatório de Música foi novamente dirigido por Archangelo Fiorito (1813-1887) e contou com a participação como solista do professor Joaquim Antônio da Silva Callado (1848-1880) executando na flauta uma Fantasia de concerto sobre motivos da ópera *Norma* de Bellini. Fiorito mais uma vez apresentou uma composição de sua autoria, uma “symphonia característica intitulada *La paratta militare alla festa di l’iedigrotte di Napoli*”, terminando o concerto com a Missa Solene de Rossini (*Jornal da Tarde*, 27 set. 1870, p. 1).

Já em 1880 podemos observar na edição de 25 de dezembro da *Revista Musical e de Belas Artes* (p. 306) que o concerto da cerimônia de entrega de prêmios aos alunos do Conservatório começou com a execução do Hino Nacional, do Hino às Artes e da Abertura *A Profecia* de Mesquita.³ Após a apresentação de obras de câmara foi executada ainda de Carlos Gomes (1836-1896) a “Canção dos Aymorés na ópera *Guarany* pela orquestra”.

Os alunos do Conservatório se reuniram também por ocasião da missa de trigésimo dia do professor Joaquim da Silva Callado, que havia falecido em 20 de março de 1880. No dia 21 de abril, a *Gazeta de Notícias* informou que “a orquestra, formada só por alumnos do conservatório, sob a regência do sr. Luiz Pedrosa, executou uma marcha fúnebre de Haydn e *Sequencia*, composição do referido alumno-regente” (*Gazeta de Notícias*, 21 abr. 1880, p. 1).

Outro fator que certamente dificultou a formação de uma orquestra regular no Conservatório de Música foi a falta de uma sala de concertos. Em 1853, a pedido do Imperador D. Pedro II, o escritor, pintor e arquiteto Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) elaborou um plano de reestruturação do ensino artístico da Academia Imperial de Belas Artes, para a qual foi nomeado diretor em 1854. Em 1855, o Conservatório de Música foi incorporado à estrutura da Academia. Em texto intitulado “Apontamentos sobre a Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro e sobre a criação de um Teatro Nacional de Ópera”, o Barão de Sant’Angelo revelou seus planos para a criação de uma sala de concertos: “Na planta do novo edifício para o Conservatório, tracei uma sala para concertos e representações musicas dos alumnos. Desejava principiar por algumas tragédias com córos, para depois passar às Óperas de canto” (Silva, 2007, p. 97).



Porto Alegre deixou a direção da Academia em 3 de outubro de 1857, sem conseguir viabilizar a construção da sede própria para a instituição de ensino musical do Império. Enquanto esteve sediado na Academia de Belas Artes, o Conservatório realizou seus concertos improvisadamente na Sala da Pinacoteca, considerada um “acanhado espaço” com os “espectadores indistinctamente sentados ou em pé, sem ordem nem socego, fazendo reinar um constante sussurro” (*O Periódico da Juventude*, v. I, nº 6 de 15 jul. 1861, p. 6).

Apenas em 1872 o Conservatório de Música passou a contar com sede própria, em prédio localizado na rua da Lampadosa nº 52, atual rua Luís de Camões, na área da Praça Tiradentes, onde está instalado hoje o Centro de Arte Hélio Oiticica. Na noite de inauguração do novo edifício, houve um concerto variado, com peças de câmara e sinfônicas, tendo sido executada, entre outras obras, uma Abertura composta pelo professor Archangelo Fioritto (Siqueira, 1972, p. 50).

A sala de concertos, em “forma elíptica”, se localizava no segundo pavimento e possuía um “pequeno palco, que o hábil engenheiro o Sr. Bethencurt da Silva fez construir, com o fim de nelle exhibirem os alumnos” (*Correio do Brazil*, 16 jan. 1872, p. 2). O palco, no entanto, não tinha as dimensões para comportar uma orquestra muito grande. Identificamos nos periódicos do Rio de Janeiro no século XIX algumas matérias onde são criticadas as condições da sala. Uma delas, de 1890, dá a entender que àquela altura já não vinha sendo usada até mesmo para concertos de câmara. O crítico de música de nome D. Torres, ao comentar um concerto do violoncelista Frederico Nascimento realizado na sala da Casa Bevilacqua, indagava:

Que fim levou o salão do Conservatório de Música? Antigamente, ainda às vezes se podia ir ali ouvir música, quando os concertistas realizavam os seus torneios artísticos. Agora, porém, já três ou quatro ensejos se deram para a gente ir deliciar os ouvidos naquella local soffrivelmente decente, sem que tenhamos logrado o prazer de dar com os ossos naquella casa de aspecto severo. Ora não é lá porque damos ao salão do Conservatório a honra de o considerar a “última palavra” sobre um salão próprio para concertos que lhe sentimos a falta; mas sim, porque, riscado elle do número dos locaes apropriados, fica-nos somente isto: cousa nenhuma. (*Revista Illustrada*, 31 jul. 1890)

Com a transformação do Conservatório em Instituto Nacional de Música em janeiro de 1890 uma profunda mudança se operou na mais antiga instituição de ensino musical do Brasil. O edifício do Conservatório foi considerado insuficiente por Leopoldo Miguéz (1850-1902), compositor nomeado diretor do INM, e já em 1890 dois decretos foram publicados autorizando obras no prédio e a construção de uma nova sala de



concertos a partir da desapropriação de dois prédios vizinhos (Siqueira, 1972, p. 66). A ampliação das instalações permitiu a criação de novos cursos e a organização de concertos regulares. A nova sala contava com cerca de 800 lugares na plateia e palco grande o suficiente para comportar uma orquestra. Podemos ter uma visão parcial da plateia da nova sala de concertos do INM no velho prédio da rua Luís de Camões em foto publicada em *O Malho*:

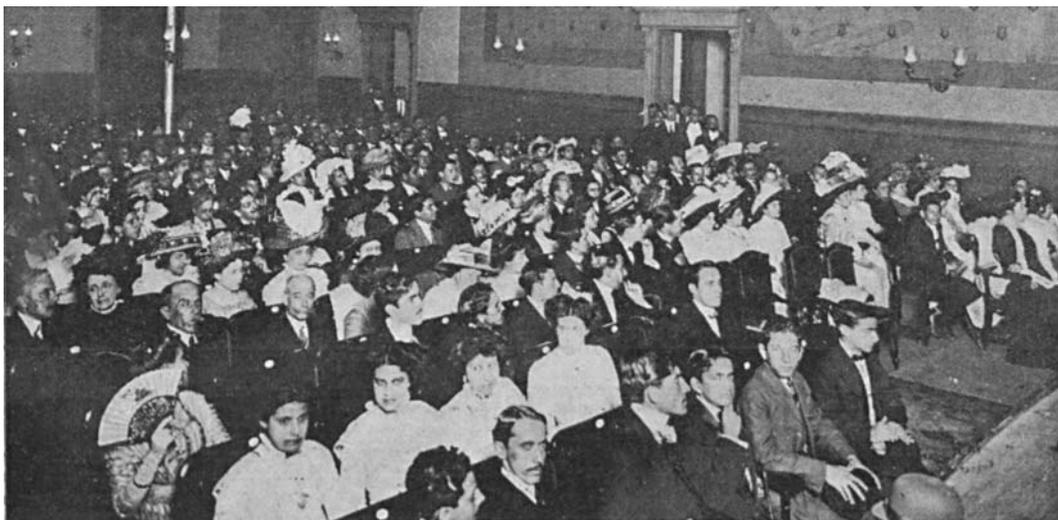


Imagem 1. Sala de concertos do Instituto Nacional de Música. *O Malho*, 2 out. 1909, p. 11.

Por outro ângulo (Imagem 2) podemos ver que o palco era grande o suficiente para comportar não só uma orquestra de maiores dimensões como também um órgão de tubos da marca Sauer, que foi adquirido por Leopoldo Miguéz com o prêmio que recebeu pela vitória no concurso que elegeu uma composição de sua autoria o Hino da República.

Com uma sala mais adequada, os concertos sinfônicos começaram a se fazer frequentes. É o momento no qual podemos identificar as apresentações de uma orquestra diretamente relacionada ao INM. Uma consulta ao setor de documentos históricos da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ (BAN) nos revelou alguns dos programas de concertos sinfônicos realizados pelo INM na última década do século XIX e nas duas primeiras do século XX.

Data de 1893 o encaminhamento por parte de Leopoldo Miguéz das “Instruções para os Concertos do Instituto Nacional de Música”. O musicólogo Avelino Romero informa que, além de propor a organização de concertos “pela necessidade de colocar o povo em contato com a arte [...] Miguéz demonstrara ainda a necessidade de se possuir um pessoal completo de orquestra e coros”. Diz ainda que o idealizador



Imagem 2. Sala de concertos do Instituto Nacional de Música.
Ilustração Brasileira, 1º jan. 1910, p. 273.

do INM “propunha, assim, a criação de um corpo estável, formado por professores e alunos, além de antigos artistas laureados pelo Instituto” (Pereira, 2007, p. 196).

Em 1897 foi organizada a orquestra para a realização de um “Ciclo Miguéz” com quatro concertos entre os dias 20 de junho e 14 de julho. Dentre as muitas peças apresentadas de autoria de Leopoldo Miguéz constavam suas principais obras sinfônicas como a *Suite Antiga* op. 25, os poemas-sinfônicos *Parisina* op. 15, *Ave Libertas* op. 18 e *Prometeus* op. 21 e dois movimentos da *Sinfonia em Si bemol* op. 6. No programa dos concertos aparecem relacionados os nomes dos alunos que participaram da orquestra. São listados, entretanto, apenas os naipes de violino, violoncelo, flauta, oboé, clarineta e harpa. Como as obras executadas necessitam de um efetivo muito maior, inclusive de instrumentos não listados, acredito que a orquestra tenha sido completada com músicos profissionais especialmente contratados para o ciclo. Consta também no programa a informação de que o ciclo se destinava “à caixa beneficente dos professores”, ao estabelecimento de prêmios para os alunos das classes de trompa, fagote, oboé e contrabaixo e “à aquisição de obras musicas e instrumentos para o Instituto” (BAN – Documentos históricos – ADEM/AS/PC/EM–



P1D12). Percebemos em tal iniciativa uma ação deliberada para incentivar o estudo de instrumentos menos procurados e que pudessem garantir a formação dos naipes para uma futura orquestra estável no INM.

Já nas duas primeiras décadas do século XX temos outros bons exemplos de atividades orquestrais no INM pela iniciativa do compositor e então diretor Alberto Nepomuceno (1864-1920). Em 27 de agosto de 1906, foi realizado no salão do INM um “Concerto Symphonico – Audição de obras de Alberto Nepomuceno” onde constavam a *Sinfonia em Sol menor*, as *Valsas Humorísticas* para piano e orquestra com Walborg Bang, esposa do compositor, como solista, trechos da ópera *Abul*, a *Suite Brasileira*, canções com acompanhamento de orquestra e, por fim, o prelúdio de *O Garatuja* (BAN – Documentos históricos – ADEM/AS/PC/EM–P2D4).



Imagem 3. Programa do “Concerto Symphonico” de 27 ago. 1906.
Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da EM–UFRJ.



Não foram poucas as dificuldades enfrentadas, especialmente por Nepomuceno, para viabilizar a realização de concertos sinfônicos. É o que nos revela a coluna “Pela Música” de José Oiticica no jornal *A Tribuna*, de 17 de novembro de 1926: “Lembra-me que, na antiga sala do Instituto, ouvi audições de orchestra e coros creados por Nepomuceno, com applausos geraes. Um ministro, avesso ao maestro, para melindral-o, prohibiu tal cousa, não autorizada pelo regulamento” (Vasconcellos, 1929, p. 18).

Com a abertura do Theatro Municipal em 1909 os concertos sinfônicos do INM ganharam um novo palco. Identificamos então a realização de uma série de concertos sob a regência de Nepomuceno em 18 de dezembro de 1910, 19 e 26 de novembro de 1911, 24 de dezembro de 1912 e 29 de novembro de 1913 (Chaves Jr., 1971 p. 427-430).

Foram fundamentais os esforços de Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno no incremento das atividades sinfônicas no INM nas primeiras décadas da República, ainda que sem uma regularidade que permita antecipar o momento de criação de uma orquestra oficial. O musicólogo Avelino Romero Pereira destacou o papel desempenhado pelos dois compositores não só na consolidação do INM como uma moderna e eficiente instituição de ensino musical em termos administrativos e acadêmicos, mas também no desenvolvimento das atividades artísticas. Ele nos diz que ambos, enquanto diretores do INM

Tocaram em problemas pertinentes a diversos setores da produção musical, como a educação dos músicos, a organização de orquestras e a formação de plateias. Assim fazendo, agiram diretamente sobre os espaços, os agentes produtores, os instrumentos de produção, o financiamento e o público consumidor. Tal o papel das iniciativas de Miguéz e Nepomuceno e dos que lhes apoiaram, para dotar o Instituto de uma administração eficiente, capaz de dar conta dos desafios da necessidade de melhorar a qualidade do ensino e desenvolver uma infraestrutura para a atividade musical. A primeira seria garantida pela seleção do corpo docente e pela elaboração dos programas de ensino. Já a segunda transparece nos próprios prédios que serviram de sede à instituição, mas também e principalmente nas preocupações com a biblioteca, com os cursos noturnos e com a manutenção de uma orquestra e de um coro estáveis. (Pereira, 2007, p. 200)

Ainda no palco do Theatro Municipal o INM realizou outros importantes concertos sinfônicos. Em 15 de novembro de 1917 o maestro Francisco Braga (1868-1945) regiu a orquestra no 28º aniversário da República na presença do presidente Venceslau



Brás (1868-1966), dos ministros e do corpo diplomático. O programa foi composto pelos hinos Nacional e da República, a Abertura *Il Guarany* de Carlos Gomes, o *Concerto para piano* op. 10 de Henrique Oswald, tendo como solista o pianista e compositor J. Otaviano (1892-1962), a *Suíte Brasileira* de Nepomuceno e a *Oração pela Pátria* de autoria do próprio Francisco Braga (Chaves Jr., 1971, p. 435).

Em julho de 1919 uma orquestra composta por alunos e professores do INM se reuniu por ordem do então presidente da República Delfim Moreira (1868-1920) para apresentar um programa com obras especialmente compostas por Heitor Villa-Lobos (1887-1959), J. Octaviano e Francisco Braga “em homenagem ao nosso embaixador à Conferência da Paz, S. Exa. o Dr. Epitácio Pessoa” (1865-1942), que tomaria posse como presidente da República em 28 de julho daquele ano. Na coluna “Artes e Artistas” de *O Paiz* o diretor do INM “convida todos os alumnos das classes de solfejo e de outros instrumentos” para o ensaio geral às 9 horas no dia do concerto, realizado em 30 de julho no Theatro Municipal. Na ocasião, houve a estreia da obra *A Guerra* de Villa-Lobos, então identificada como um poema-sinfônico. As três partes correspondem ao primeiro (A vida e o labor), o segundo (Intrigas e cochichos) e o quarto (A batalha) movimentos da obra que, com a inclusão posterior do terceiro movimento (Sofrimento), se transformou na *Sinfonia nº 3 “A Guerra”* (*O Paiz*, 30 jul. 1919, p. 5).⁴

Já em 30 de setembro de 1920, foi organizado um concerto no Theatro Municipal em homenagem aos reis belgas, Alberto I e Elizabeth, com a presença do presidente Epitácio Pessoa, onde a orquestra do INM executou um programa curioso sob a batuta de diferentes maestros. O concerto teve início com a execução do Hino Nacional Brasileiro e do Hino Nacional Belga em orquestração do compositor brasileiro Elpídio Pereira (1872-1961). Em seguida foi executada a *Oração pela Pátria* de Francisco Braga e o Intermédio do 3º ato da ópera *Calabar* de Elpídio Pereira sob a regência do compositor. Sob a regência de Francisco Braga foi executado *Bebé S’Endort* de Henrique Oswald e o primeiro movimento do *Concerto para piano* de Grieg, tendo como solista a aluna Maria do Carmo Monteiro da Silva. J. Otaviano se responsabilizou pela regência de *Dois Danças* de sua autoria e, finalizando o programa. Villa-Lobos dirigiu novamente *A Guerra* e também *A Vitória*, executada em primeira audição (Chaves Jr., 1971, p. 441). Assim como no concerto de 30 de setembro de 1919 as obras de Villa-Lobos foram, provavelmente, movimentos daquelas que viriam a ser suas sinfonias nºs 3 e 4. Na imprensa as obras são igualmente identificadas como poemas-sinfônicos (*O Paiz*, 30 set. 1920, p. 4).⁵

⁴ O catálogo de obras do compositor (“Villa-Lobos, sua obra”) informa ter sido o concerto realizado no dia 31 jul. 1919 e terem sido executados apenas os dois primeiros movimentos. Não informa a participação da Orquestra do Instituto Nacional de Música (p. 62).

⁵ O catálogo de Villa-Lobos não informa o dia do concerto e omite a participação da Orquestra do Instituto Nacional de Música (p. 63).



Em 1913, o INM se transferiu para sua nova sede na rua do Passeio 98, local onde está até hoje. Apenas em 9 de novembro de 1922 foi inaugurada a nova sala de concertos, atualmente denominada Salão Leopoldo Miguéz. A cerimônia de inauguração contou com a presença de autoridades do governo e com uma programação musical onde a orquestra do INM foi dirigida pelo maestro Francisco Braga. Um flagrante do momento da inauguração foi publicado na revista *Fon-Fon* e podemos ver claramente a orquestra e coro postados logo atrás das autoridades.



Imagem 4. Inauguração da sala de concertos do Instituto Nacional de Música.
Fon-Fon, 18 nov. 1922, p. 28.

Após a execução do Hino Nacional foram ouvidos também, entremeados aos discursos do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Joaquim Ferreira Chaves (1852-1937) e do diretor do INM, Abdon Milanez (1858-1927), os hinos “Invocação à Arte” de Henrique Oswald e da Independência. A orquestra voltou a se apresentar após a entrega de medalhas e diplomas aos alunos laureados executando árias das óperas *Condor* e *Lo Schiavo* de Carlos Gomes, movimentos de concertos de Anton Rubinstein (para piano nº 4), Mozart (para violino nº 5) e Hans Sitt (op. 64 para viola), concluindo com a *Fantasia Húngara* para piano e orquestra de Liszt. Todos os

107



solistas foram alunos laureados do INM (BAN – Documentos históricos – ADEM/AS/PC/EM–P1D12).

No programa de inauguração do salão de concertos foram relacionados os docentes do Instituto Nacional de Música. Em 1922 eram quatro professores efetivos de violino e viola (violeta, como era chamado o instrumento): Ernesto Ronchini (1863-1931), Francisco Chiaffitelli (1881-1954), Humberto Milano (1878-1933) e Paulina D’Ambrósio (1890-1976). Os professores de violoncelo eram Alfredo Gomes (1888-1977) e Eurico de Araújo Costa. O de contrabaixo Ricardo Roveda. Nos sopros encontramos Pedro de Assis (1873-1947) como professor de flauta, Agostinho Luiz de Gouvêa de oboé e fagote, Francisco Nunes Júnior de clarineta, Rodolpho Pfefferkorn de trompa, Alvir Bar Nelson de Vasconcelos de trompete e Ismael Guarischi de trombone. Havia ainda a professora de harpa Jandyra Costa. O INM contava também com um grande quadro de professores substitutos onde se incluíam nomes como Orlando Frederico (violino e viola) e Elpídio Christini (fagote).

Com uma nova sala de concertos e um bom quadro de professores para praticamente todos os instrumentos sinfônicos o INM contava, no início da década de 1920, com as condições para, finalmente, criar uma orquestra própria, tendo por base os alunos dos cursos de instrumentos.

A Orquestra do Instituto Nacional de Música

O primeiro conjunto sinfônico oficial do Instituto Nacional de Música foi criado em 1924, durante a gestão do professor Alfredo Fertin de Vasconcellos (1862-1934). O diretor do INM justificou sua iniciativa dizendo que seus objetivos eram “ministrar ao público o conhecimento das melhores obras dos mestres clássicos e dos compositores modernos mais dignos de nota, desenvolvendo nos alunos o gosto artístico, familiarizando-os com o público e dando-lhes, por esta forma, todo o incentivo para que se tornem artistas completos” (Vasconcellos, 1929, p. 3). A primeira apresentação se deu no dia 25 de setembro de 1924 na sala de concertos do INM, atual Salão Leopoldo Miguéz, com um total de 33 alunos dirigidos pelo professor Ernesto Ronchini, durante solenidade de entrega de prêmios aos alunos laureados, na presença do presidente da República Arthur Bernardes (1875-1955). Dentre os alunos alguns nomes que se tornariam grandes instrumentistas de sua geração como o violoncelista Iberê Gomes Grosso (1905-1983), o violista George Marinuzzi e os violinistas Oscar Borgerth (1906-1992), Yolanda Peixoto e Mariuccia Iacovino (1912-2008). No programa, constaram apenas obras para orquestra de cordas como *Tetéia* (Pequena Valsa) e *Polônia* (Mazurka), dois números da série *Esboços – Cenas Pitorescas* op. 39 de Leopoldo Miguéz e *Berceuse* e *Gavota* de autoria do próprio maestro Ronchini (BAN – Documentos históricos – ADEM/AS/PC/EM–P11).



Imagem 5. Ernesto Ronchini e a Orquestra do Instituto Nacional de Música em 1924. Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da EM-UFRJ.

Nos primeiros anos de existência seu principal regente foi o maestro Francisco Braga, como fica explícito no programa do concerto de 29 de agosto de 1930: “Regência do maestro Francisco Braga, professor de contraponto e fuga, instrumentação e composição e principal regente da orquestra do Instituto Nacional de Música”. Além de Ronchini e Braga a Orquestra do INM foi dirigida eventualmente também pelo professor Humberto Milano.

No segundo concerto, realizado em 15 de novembro de 1924, os três maestros se revezaram na direção da orquestra com repertório exclusivo de autores brasileiros. O desempenho foi elogiado pelo crítico Arthur Imbasshy (1856-1947), do *Jornal do Brasil*, que disse que “não se notava naquela orquestra, composta em quase sua totalidade de alunos do Instituto, o mais ligeiro deslize [...] a afinação era absoluta; a obediência à batuta dirigente, sem discrepâncias” (Vasconcellos, 1929, p. 6).

Na temporada seguinte a orquestra ganharia novo impulso com a participação de alguns professores e ex-alunos e a inclusão mais frequente dos instrumentos de sopro e percussão. O primeiro concerto da temporada de 1925, dirigido por Humberto Milano, foi realizado em 16 de agosto. Pelo programa podemos perceber a opção



por um repertório centrado nas cordas e com peças curtas como uma *Marcha* de Kreutzer, *Le Déluge* de Saint-Saëns, *Ária* de Bach, “*Meditation*” da *Thais* de Massenet e um *Minueto* de Bolzoni.

Já no concerto realizado em 17 de novembro de 1925, também regido por Milano, constatamos obras de maior envergadura como a *Sinfonia n.º 41 “Júpiter”* de Mozart, o *Concerto para piano em ré menor* de Bach, tendo como solista a aluna Ilara Gomes Grosso, o *Tango Caprichoso* para violino e orquestra de Francisco Braga, tendo como solista a aluna Yolanda Peixoto, e a primeira audição da *Suíte Sinfônica* op. 33 do então jovem compositor Oscar Lorenzo Fernandez (1897-1948), ex-aluno de composição e recém-nomeado professor do INM.⁶ Essas se tornariam, a partir de então, duas das mais importantes funções da orquestra: a apresentação de alunos solistas e estreia de obras de compositores brasileiros jovens ou já consagrados. Nos anos seguintes Lorenzo Fernandez teve outras obras executadas pela Orquestra do INM, como o *Crepúsculo Sertanejo* para cordas (7 nov. 1926) e o poema ameríndio *Imbapara* (2 set. 1929). Em pouco mais de dois anos de sua criação a Orquestra do INM já enfrentava repertórios de maior brilho instrumental. Destacamos o programa de 14 de dezembro de 1926, em homenagem ao presidente Washington Luís, quando foram executadas as *Danças Polovtsianas* de Borodin e a rapsódia *Espanha* de Chabrier.

Analisando os programas dos primeiros concertos da Orquestra do INM podemos identificar claramente as diferenças de repertório entre Ronchini e Braga. O primeiro era professor de violino do INM e trabalhava mais o repertório específico para o desenvolvimento dos naipes de cordas, privilegiando os movimentos de obras barrocas e clássicas de autores como Bach, Händel, Bocherini, Gluck, Gossec, Mozart e Beethoven. Autores italianos eram constantes, como Attilio Ariosti, Giovanni Battista Grazioli, Michele Mascitti, Francesco Rossi e Marco Enrico Bossi, além de peças de sua própria autoria e de contemporâneos como Edgardo Guerra, Rossini de Freitas e Lorenzo Fernandez. Já Francisco Braga, também titular da orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro e da Orquestra do Theatro Municipal, optava por obras de maior vulto, incluindo sinfonias, concertos e poemas sinfônicos do repertório consagrado, com ênfase em obras de autores franceses (Massenet, Saint-Saëns, Debussy, Chabrier e Rabaud) e austros-germânicos (Beethoven, Schubert, Mendelssohn e Wagner). As obras com solistas aparecem também mais frequentemente nos programas dirigidos por Francisco Braga. Nas primeiras temporadas tivemos a participação do professor Alfredo Gomes como solista da *Prière* para violoncelo e orquestra de Francisco Braga (14 nov. 1926), de Nair Paiva Cruz como solista do *Concerto para piano n.º 4* de Beethoven (29 out.

⁶ Sérgio Nepomuceno Alvim Corrêa em “Lorenzo Fernandez: catálogo geral” informa que a estreia da obra foi feita pela Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos sob a regência de Ernesto Ronchini, o que parece ser um equívoco (1992, p. 53).



Imagem 6. Programa do “Concerto Symphonico em Homenagem ao Exmo. Senhor Dr. Washington Luis Pereira de Souza” em 14 dez. 1926. Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da EM–UFRJ.

1927) e do professor Paulino Chaves (1893-1948) como solista do *Concerto para piano nº 1* de Liszt (11 ago. 1928).

Um importante concerto regido por Francisco Braga foi o de 25 de abril de 1930 e repetido dois dias depois. O órgão de tubos da marca alemã *Sauer*, que havia sido desmontado e retirado da antiga sala de concertos do INM na rua da Lampadosa, foi finalmente instalado no novo salão da rua do Passeio. Na ocasião, o professor Arnaud Gouveia (1865-1942) tocou algumas peças para órgão solo e atuou como solista da *Sinfonia nº 3* op. 78 de Saint-Saëns. O evento contou com a presença do presidente da República, Washington Luís, e mereceu uma elogiosa matéria na revista *Fon-Fon*:

Merece especial menção o concerto symphonico realizado no Instituto Nacional de Música em a noite da penúltima venerdia, sexta-feira, 25 de abril. Merece-a não só porque a orchestra era composta quase toda de alumnos ou ex-alumnos daquela casa de arte, como também porque assistimos à realização do sonho de Leopoldo Miguéz, a inauguração do órgão que doára ao Instituto, quando, ha mais ou menos trinta annos, cedeu, para a aquisição do magestoso instrumento, o



premio de 25 contos que lhe coubera num concurso de hymnos. Revestiu-se a solennidade de notavel imponência. Sob a sábia batuta do maestro Francisco Braga, a orchestra do Instituto deu esplendido relevo à “Gruta de Fingal” de Mendelsohn e à “3ª Symphonia” de Saint-Saens; desta assignalamos especialmente o “Allegro”, o “Maestoso” e o “Fugati Coral” da 2ª parte, que varias vezes nos produziu a ilusão de haver vozes nos violinos e violoncellos das graciosas maestrinas, que formavam quase todas a esplendida orchestra... [...] Agradecendo as palmas e bravos com que o brindaram o público, os alumnos e professores do Instituto, disse, comovido, algumas palavras, o constructor do órgão, Giuseppe Petillo. [...] Repetido em a tarde de domingo o concerto do Instituto, o foi com mais primor. O solo de órgão “Tocata e Fuga”, de Bach, e a “3ª Symphonia”, de Saint-Saens, deram nos mais viva e entusiastica emoção. Feriu-nos ainda mais a atenção, infundiu-nos maior admiração a unidade da orchestra; arrebatou-nos mesmo a das cordas, a dos violinos e violoncelos, que pareciam formar um só instrumento. Ao maestro Francisco Braga e ao professor Fertin de Vasconcellos, diretor do Instituto, cabe particular destaque pelo inestimável concurso prestado ao grande êxito da festa. Felizmente o publico correspondeu plenamente aos esforços dos artistas. Saudou com repetidos e calorosos applausos as duas memoráveis audições [...]. (*Fon-Fon*, 3 mai. 1930)

Na mesma matéria encontramos ainda uma foto do evento, que mostra o maestro Francisco Braga e a Orquestra do Instituto Nacional de Música, com o órgão Sauer ao fundo. Curioso ressaltar, assim como mencionado na crítica aqui transcrita, a composição dos naipes de cordas, especialmente dos violinos, majoritariamente feminina.

Outro concerto importante da temporada de 1930 foi o de 29 de agosto, quando se deu a estreia de uma nova obra sinfônica de Lorenzo Fernandez, a suíte *Reizado do Pastoreio*, cujo último movimento, intitulado “Batuque”, se tornou uma das peças orquestrais mais executadas de autor brasileiro, tanto no Brasil quanto no exterior. Ao anunciar o concerto, o jornal *O Paiz* destacou que a obra de Lorenzo Fernandez seria executada em primeira audição e que a Orquestra do INM vinha “alcançando nos seus concertos anteriores franco sucesso e também grande êxito nos dois primeiros do corrente anno” (*O Paiz*, 23 ago. 1930, p. 5).⁷ Um dos ensaios para o

⁷ Retificamos também a informação prestada por Sérgio Nepomuceno Alvim Corrêa, que apresenta a Orquestra da Sociedade dos Concertos Sinfônicos como responsável pela estreia da obra (1992, p. 54).



concerto foi fotografado. Podemos perceber na constituição da orquestra a predominância feminina nas cordas e masculina nos sopros, com a presença de músicos militares ensaiando de uniforme.



Imagem 7. Orquestra do Instituto Nacional de Música e Francisco Braga.
Fon-Fon, 3 mai. 1930, p. 45.



Imagem 8. Ensaio da Orquestra do Instituto Nacional de Música com Francisco Braga.
Ilustração Musical, ano I, nº 3, 3 out. 1930, p. 90.



A reforma de 1931

Fertin de Vasconcellos encerrou seu mandato em 1930 e foi sucedido por Luciano Gallet (1893-1931), cuja gestão à frente do INM foi curta e conturbada. Em outubro ocorreu o movimento conhecido como Revolução de 1930. Seu líder, Getúlio Dornelles Vargas (1881-1954), assumiu a Presidência do Brasil após depor o presidente Washington Luís e impedir a posse do presidente eleito Júlio de Castilhos. O viés autoritário do novo governo, que se confirmaria com a instalação da ditadura do Estado Novo em 1937, refletiu no INM com a imposição do nome de Gallet como diretor, nomeado em 17 de dezembro de 1930, e na elaboração de um projeto de reforma do ensino sem a participação do corpo docente. Uma leitura da Ata da 2ª sessão da Congregação, realizada no dia 18 de junho de 1931, revela a insatisfação do corpo docente do INM com a forma como Gallet foi nomeado. O professor Barrozo Netto (1881-1941) interpelou incisivamente o diretor “sobre os motivos por que não cumpre o disposto no art. 27 do Estatuto das Universidades Brasileiras que estabelece o processo de escolha do diretor”, ou seja, a partir da elaboração de uma lista tríplice por parte da Congregação (BAN – Documentos históricos – ADEM/ Atas do INM 1926-1934).

A historiografia musical brasileira consagrou a versão de que Gallet foi vítima do corpo docente do INM, “em grande parte rotineiro e conservador” (Azevedo, 1956, p. 289). Dulce Lamas, por exemplo, menciona uma “luta insana” travada “nos bastidores e por meios escusos” através da qual alguns professores pretendiam “destruir a reforma de Gallet” (Lamas, 1989, p. 17). José Maria Neves, por sua vez, chegou a afirmar que Luciano Gallet lutou “contra o comodismo dos velhos professores” e que foi “incompreendido por todos” (Neves, 2008, p. 90 e 91). São afirmações que forjaram uma versão que hoje precisa ser revista. Pela leitura das atas da Congregação podemos concluir que o clima de conflito se instalou não por conta do conteúdo da reforma, mas em consequência do desrespeito aos procedimentos legais de escolha do diretor. Luciano Gallet simplesmente se prestou a desempenhar o papel de interventor no INM. Não dialogou com os “velhos professores” e impôs uma reforma curricular elaborada em gabinete, sem discussão com o corpo docente. O próprio Luiz Heitor reconheceu que Gallet foi “inábil”, que administrou o INM “desprezando os embates de opinião” e os “princípios liberais”, tendo elaborado o projeto de reforma “isoladamente, sem o conhecimento do corpo docente do estabelecimento” (Azevedo, 1950, p. 290-291). O pesquisador Marcelo Alves Brum, que empreendeu a mais minuciosa investigação sobre o assunto para sua dissertação de mestrado, revelou que a nomeação de Gallet se deu, muito provavelmente, por conta das relações pessoais do compositor com membros do Club dos Bandeirantes, “um tipo de associação de cavalheiros da elite que agiam em nome do interesse por tudo que estivesse relacionado à questão nacional”. Um dos integrantes do Club era o



próprio Getúlio Vargas. Marcelo Brum conclui que “Gallet foi colocado neste posto como um interventor do primeiro governo de Getúlio – a partir da indicação de Francisco Campos, o que nitidamente predispõe algum tipo de contato ou vínculo entre Gallet e representantes do Governo” (Brum, 2008, p. 94).

Apesar das muitas virtudes da reforma proposta, elaborada com a colaboração de nomes de inegável valor, como Mário de Andrade (1893-1945) e Antônio Sá Pereira (1888-1966), o alijamento do corpo docente do INM do processo gerou conflitos que culminaram com a renúncia de Gallet em 24 de junho de 1931. Sua morte, poucos meses depois, em 29 de outubro do mesmo ano, reforçou as teorias de que teria sido vítima das reações conservadoras do corpo docente do INM. O próprio Mário de Andrade, como que a tentar justificar sua participação na autoritária reforma, a chamou de uma “aspiração de araras” e uma “criação quase lunática”, responsabilizando o corpo docente INM, que qualificava “com algumas poucas exceções” como um “viveiro de espectros velhos ou prematuramente envelhecidos”, por seu resultado “desastroso” e “nulo” (Andrade, 1991, p. 28). São certamente frases de impacto, típicas do combativo escritor paulista, mas que desviam a responsabilidade do diretor interventor e seus colaboradores para o corpo docente.

A reforma pode ter sido encaminhada de forma desastrosa pelo dinâmico jovem diretor, mas seus resultados não foram nulos. Muito pelo contrário. Mário de Andrade pôde testemunhar a implantação de muitas iniciativas que tiveram origem na reforma de 1931, como a criação do curso de Regência, da cadeira de Folclore Musical, do Centro de Pesquisas Folclóricas e da *Revista Brasileira de Música*, da qual foi um dos principais articulistas.

A efetiva implantação do novo currículo proposto por Gallet mostra que boa parte do corpo docente do INM não foi refratária à reforma. Muito pelo contrário. Vários docentes eram adeptos das propostas modernistas, que tinham em Mário de Andrade o seu mais importante teórico. Alguns companheiros muito próximos a Gallet, entretanto, foram críticos da reforma. Luiz Heitor foi um deles. O primeiro professor da recém-criada cadeira de Folclore Musical afirmaria categoricamente: “Não quero discutir os méritos da reforma do Instituto Nacional de Música porque dela discordo em princípio” (Azevedo, 1950, p. 291). Será que Luiz Heitor poderia ser considerado um membro do “viveiro de espectros velhos” simplesmente por discordar dos princípios da reforma de Gallet? Certamente não. Entre os docentes do INM encontravam-se também artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922, organizada por, entre outros, Mário de Andrade, interpretando obras de Villa-Lobos, como Paulina D’Ambrósio, Orlando Frederico, Alfredo Gomes e Antão Soares (Wisnik, 1977, p. 67-70). Guilherme Fontainha e Antônio Sá Pereira foram os sucessores de Gallet e com eles a reforma foi implantada sem maiores resistências. Luiz Heitor afirmou



que Guilherme Fontainha “nunca pôs em dúvida a superioridade da nova estrutura” curricular, que vigorou por décadas (Azevedo, 1956, p. 290).

A reforma de Gallet foi decorrente do Decreto nº 19.852 de 11 de abril de 1931 do novo governo, que tratava da organização da Universidade do Rio de Janeiro, à qual o Instituto Nacional de Música foi incorporado. O decreto impunha uma mudança no perfil da orquestra criada em 1924, abrindo, não sem conflitos, uma nova fase na história do conjunto, que será abordada em um próximo artigo.



REFERÊNCIAS

- Andrade, Mário. *Aspectos da música brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
- Augusto, Antonio José. “A civilização como missão: o Conservatório de Música no Império do Brasil”. *Revista Brasileira de Música*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-graduação, v. 23/1, abr. 2010, p. 67 - 91.
- Augusto, Antonio José. *Henrique Alves de Mesquita: da pérola mais luminosa à poeira do esquecimento*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2014.
- Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. *Música e músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. *150 anos de música no Brasil (1800-1950)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.
- Brum, Marcelo Alves. *Luciano Gallet e a reforma do Instituto Nacional de Música*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- Cardoso, André. *A música na Corte de D. João VI*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Chaves Jr., Edgar de Brito. *Memórias e glórias de um teatro: sessenta anos de história do Theatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1971.
- Corrêa, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Alberto Nepomuceno: catálogo geral*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- Corrêa, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Lorenzo Fernandez: catálogo geral*. Rio de Janeiro: Rioarte, 1992.
- Corrêa, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Leopoldo Miguéz: catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.
- Corrêa, Sérgio Nepomuceno Alvim. *Francisco Braga: catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.
- Lamas, Dulce Martins. “Luciano Gallet e a Escola de Música da UFRJ”. *Revista Brasileira de Música*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós-graduação, v. 18, 1989, p. 14-19.
- Museu Villa-Lobos. *Villa-Lobos, sua obra*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 1989.
- Neves, José Maria. *Música contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.



Pereira, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

Silva, Janaina Giroto da. *“O Florão mais Belo do Brasil”: O Imperial Conservatório de Música do Rio de Janeiro – 1841-1865*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ /IFCS/ Programa de Pós-graduação em História Social, 2007.

Siqueira, João Baptista. *Do Conservatório à Escola de Música: ensaio histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1972.

Vasconcellos, Alfredo Fertin de. *A orchestra do Instituto Nacional de Música: histórico de sua formação e desenvolvimento nos anos de 1924 a 1928*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

Wisnik, José Miguel. *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ – Arquivo de Documentos Históricos

Programas de concertos, 1890-1935

Livro de Atas do INM, 1926-1934

Periódicos

A Éphoca

A Tribuna

A Vida Fluminense

Correio do Brazil

Correio Mercantil

Fon-Fon

Gazeta de Notícias

Ilustração Musical

Jornal da Tarde

Jornal do Brasil

O Malho

O Paíz

O Periódico da Juventude



Revista Ilustrada

Revista Musical e de Belas Artes

ANDRÉ LUIZ DE CAMPELLO DUARTE CARDOSO é violista e regente graduado pela Escola de Música da UFRJ, com Mestrado e Doutorado em Musicologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio, 2001). Estudou regência com os maestros Roberto Duarte e David Machado. Recebeu, durante três anos, bolsa da Fundação Vitae para curso de aperfeiçoamento na Argentina com o maestro Guillermo Scarabino, na Universidade de Cuyo (Mendoza) e no Teatro Colón de Buenos Aires. Em 1994 foi o vencedor do Concurso Nacional de Regência da Orquestra Sinfônica Nacional, passando a atuar à frente de conjuntos como a Orquestra Sinfônica da Paraíba, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, Orquestra Sinfônica de Campinas, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra Petrobrás Sinfônica e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi maestro assistente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro entre 2000 e 2007. Atua, também, como produtor fonográfico, tendo recebido o Prêmio Sharp e o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) pela gravação da ópera *Colombo* de Carlos Gomes. Como pesquisador dedica-se ao estudo da música brasileira dos séculos XVIII e XIX, tendo publicado inúmeros artigos e o livro *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro*, editado pela Academia Brasileira de Música em 2005. Em 2008 lançou seu segundo livro, *A música na Corte de D. João*, pela Editora Martins de São Paulo. É professor de regência e prática de orquestra da Escola de Música da UFRJ, instituição da qual foi diretor por dois mandatos consecutivos, entre 2007 e 2015. Foi diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (2015-2017). É membro da Academia Brasileira de Música, do qual foi também presidente por dois mandatos consecutivos entre 2013 e 2018.